

**INFORMAR VERSUS ENFORMAR  
UMA COMPETIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA  
COM ORIGEM NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Marcos Gonzalez (UFRJ)  
[marcosgonzalez.rj@gmail.com](mailto:marcosgonzalez.rj@gmail.com)

**1. Introdução**

O mais antigos usos do verbo *informare* são do séc. II a.C. Varro (116-27 a.C.) descreve como um feto está sendo informado (*informatur*) pela cabeça e coluna vertebral; na Eneida de Virgílio (70-19 a.C.), Cíclopes *informam* flechas de raios para Zeus e um escudo para Enéas (CAPURRO e HJØRLAND, 2007 [2003]). Por metáfora, o verbo admitia acepções dentro de contextos que esses autores chamam de “intangíveis ou espirituais”, pois dizem respeito aos “usos morais e pedagógicos”: em Cícero (106-43 a.C.) há referências explícitas ao sentido metafísico de *forma*, particularmente de Platão (427-348/7 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), e no século II d.C., Tertuliano de Cartago (ca. 160-220 d.C.), o “criador do latim cristão teológico” (DROBNER, 2008, p. 161), apresentado comumente como “o exemplo típico da atitude hostil do cristianismo em relação à filosofia” (MORESCHINI, 2008, p. 192), chama Moisés de *populi informator* – educador ou modelador de pessoas. Queremos com isso dizer que *informare* circulava no latim escrito, e não apenas entre filósofos: estava no léxico de, pelo menos, toda a elite romana, até o norte da África.

Em Tomás de Aquino, o termo adquiriu um lugar central, tanto na epistemologia quanto na ontologia. O hilomorfismo aristotélico é traduzido por *materiae informatio*, mas interpretado dentro da metafísica cristã criacionista, levando Tomás a diferenciar claramente os processos físicos e biológicos da reprodução das formas (“*per modum informationis*”), em especial a “informação” do corpo pela alma, da atividade divina, “*per modum creationis*” (CAPURRO, 2008, p. 7). De um modo geral, os escolásticos seguiram Tomás, mas estenderam o termo a qualquer substância, mantendo, no entanto, a principal característica da *forma* aristotélica: ser a causa, razão ou essência de ser da coisa, aquilo em virtude do que uma coisa é o que é; é ato ou atualidade da coisa, por isso o princípio e o fim do seu devir (MORA, 2001, p. 1132).

Essa é, em resumo, a trajetória de um item culto. Mas, como toda língua românica, o português nada mais é que uma “fase atual do latim falado” (SOUSA DA SILVEIRA, 1972 [1964], p. 29), que resultou da alteração do latim falado na Lusitânia. A península sofreu no século VIII invasão de árabes, que nela se estabeleceram como vencedores, não exterminando, porém, nem mesmo perseguindo as populações românicas e cristãs que ali viviam e que puderam assim conservar a sua língua, o seu *romance* (latim que se tornou língua vulgar de um país). O romance peninsular existiu durante muito tempo sem ser escrito, e foi-se fragmentando em várias línguas. Uma destas, a portuguesa que, na origem, constituiu com o galego um mesmo idioma, já devia existir no século IX.

Nos tempos em que Tomás de Aquino desenvolvia sua volumosa obra, na língua que se falava no centro-norte de Portugal, já se haviam estabelecido certas tradições gráficas que, apesar das imprecisões e incoerências, apareciam como mais regular e fonética do que aquela que prevalecera em português alguns séculos mais tarde (TEYSSIER, 2007). Uma poesia lírica, representada pelo gênero das cantigas, de inspiração provençal, florescia na região, e seu sucesso induziu ao estabelecimento de uma norma galaico-portuguesa para a redação de documentos notariais (testamentos, títulos de venda, foros, etc.). Três testemunhos desses gêneros arcaicos, extraídos respectivamente da *Cronica Troyana* (1388), *Crónica Geral de Espanha* (1344) e dos *Foros de Garvão* (séc. XIV), são suficientes para mostrar que se mantinham úteis os sentidos tradicionais para o verbo (“dar forma” em [1]; “ensinar, doutrinar” em [2]), e que o sentido de “dar notícia” ([3]), muito produtivo atualmente, já estava em uso naquela época:

- [1] (...) Et era home de bõ entêdemento et faluaa tã ben et tã saborosament que o amauã todos quãntoslo vijã. Et auja o nariz alto por mesura et a boca ben feyta et dentes ben postos et brãcos et o queixo quadrado et o colo longo et as espãdoas anchas et os peytos moyto enformados. Et auja as mãos et os braços moy ben feytos, et era bentallado êna çentura. (...)
- [2] (...) Este rey Recaredo e seu irmão Hermenegildo, o que matou seu padre, foron enssynados e doutrinados daquelle sancto Leandre, arcebispo de Sevyilha, que os enfermou e fundou na sancta fe catholica (*Crónica Geral de Espanha*, 1344)
- [3] Sabede que se as uaquas grãdes ese primeyro anno que las dã morerẽ que as enforme de chus<sup>1</sup> pequenos beçeros e se morerã Ao Segũdo anno enformarẽ dos beçeros de #ij\* annos e sse morerã Aos #ij annos enformar

---

<sup>1</sup> “mais”

dos beçeros de #iij annos Item das uacas que se perderẽ unde nõ deu sinal.  
ffaçede uij'r per dâte uos e se omẽ que guarda as uacas e aduga o sinal  
quer osso quer corno quer coyro quer rabo. quer orrelha. e Jure perante  
uos por deus e pela cruz.

O que se observa nesses exemplos observa-se, de um modo geral, nos *corpora* até os quatrocentos: o verbo em estudo ocorria exclusivamente como variações de *enformar* (~ *efformar*), quando era de se esperar que formas com *in-* também fossem encontradas, uma vez que era escrito com *in-* em latim. O fenômeno já havia sido constatado por Antônio Geraldo da Cunha (*Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*, 2007) e não é exclusivo de nossa língua: para o galego, Xosé Salgado (2009, nota 5) encontrou, entre os dez usos arcaicos do verbo dos *corpora* do *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* (TMILG), nove com a base *enform-* (o mais antigo em um documento de 1333), e apenas um com a forma “cultista” *inform-* (de 1481). Também no inglês, será apenas na segunda metade do século XV que formas ortograficamente iniciadas por *in-* começarão a ser usadas (KURATH, 1953).

Na lexicografia portuguesa, *enformar* permanecerá por muito tempo a forma prestigiada: no dicionário que, segundo Verdelho (2002, p. 18), estabelece o início da dicionarização do português – o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562)<sup>1</sup>, do humanista Jerônimo Cardoso – encontramos o verbo *enformar* como “ensinar, educar”, e de “meter nas formas”. No primeiro dos dicionários bilingües conhecidos, o *Dictionarium Lusitanico Latinum* de Agostinho Barbosa (1611), além de estar registrado como “dar enformação” (com o sentido de *docere*, isto é “dar formação, educar”) ou “meter nas formas”, também aparece como *enformarse*, com sentido de “inquirir”, e *enformação*, como “inquisição”<sup>2</sup>. No *Tesouro da Língua Portuguesa*, de José Bento Pereira (1697), temos: *enformaçam* como *inquisitio, onis*; *enformador* como *docens, entis* (ou seja, como “professor”); *enformado*, como *edoctus, a, um*; *enformar* como *doceo, es* (“ensinar”), e também *enformarse* como *inquirio, is*. Destaca-se uma entrada para *enformar as botas (inducere ocreas formis)*. Os primeiros usos lexicográficos para as formas de *informar* e *informação* são de Amaro de Reboredo, que em seu *Raizes da lingua latina: mostradas em hum trattato, e dictionario...* (1621) registrará: “*ĩnfõrmo, as*: informar, dar a primeira forma; tomase por instruir, ensinar”.

---

<sup>1</sup> <http://purl.pt/15192>

<sup>2</sup> <http://purl.pt/14016/1/P305.html>

Pelos dados de que dispomos, a partir do século XVI as duas formas linguísticas divergentes entraram em competição direta, até o século XVII, quando a mudança linguística terá atingido uma regularidade. Não parece tratar-se de um fenômeno isolado, ao contrário, deixou diversas manifestações na língua e no discurso modernos. Do ponto de vista funcionalista, entendemos o caso em estudo como um fenômeno comum dentro de uma “constante renovação do sistema linguístico, percebida sobretudo pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 15).

A competição *enformar* ~ *informar* traz à tona as noções de “gramática emergente”, concepção assumida por vários estudiosos da “gramaticalização”. Dentre os vários processos de mudança linguística, a *gramaticalização* é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral: “as possibilidades de escolha coexistem de modo estável em uma língua, até que uma delas passa a ser preferida pelos falantes, caso em que se configura uma situação de mudança em progresso” (HORA, 2004). Estudos sobre gramaticalização vem revelando diversos *continua* unidirecionais que dizem respeito tanto às modificações semânticas sofridas pelos itens em questão, quanto à inserção destas nas categorias gramaticais e à sua apresentação morfofonêmica antes e após o processo (FORTUNATO, 2008).

Nossa hipótese geral parte dessas premissas. Postulamos que os usuários da língua portuguesa, diante da representação de duas funções cognitivas metafóricas que, outrora, eram codificadas como duas formas distintas, acabaram por estabelecer pares biunívocos forma-função. Em estudos conduzidos em paralelo, estamos trabalhando em outras manifestações; o objetivo específico deste trabalho é discorrer sobre o fato de, até o século XV, só se usarem variações de *enformar*.

A título de método, arriscar-nos-emos a repensar o étimo de “enformar” e do “informar” moderno na língua portuguesa. Nossa “hipótese mãe” (que foge ao escopo desse trabalho) é que o étimo de “enformar” é mais antigo do que o de “informar”. Afinal, o prefixo no latim *in-*, que exprimia “em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação”, é de uma raiz no indo-europeu *\*en* “no interior; em” (HOUAISS, 2001). O prefixo grego correspondente, *en-* (*e-*, *em-*) forma palavras como *encéfalo*, *elipse*, *emplastro* (CUNHA & CINTRA, 2010). Quanto à *forma*, Alinei (2010) data o surgimento de *formaticum* no norte da Itália, em 3.000 a.C., associando a criação do termo à memória de uma inovação: ao atin-

girem antes dos “concorrentes” franceses a idade do bronze, inventaram uma maneira (*formaticum*) de fazer o queijo duro tipo “padano” (*formaggio*).

## 2. Uma (nova?) hipótese etimológica para *enformar*

Parte da literatura sugere que a origem de port *enformar* é francês: *enformer* (SMEDLEY *et al.*, 1845, p. 536; SCHREUDER, 1970 [1929], p. 123). Com efeito, a língua românica que exerceu maior influência sobre o português desde os primeiros tempos (e até meados do séc. XX) foi o francês (WILLIAMS, 1975, p. 31).

O francês, para efeitos didáticos (*apud* SALLES, 1993), se divide em três períodos bem nítidos: francês antigo (séc. IX a meados do século XIV), francês médio (meados do século XIV a fins do século XVI) e francês moderno (a partir do século XVII) – “que se escreve mais ou menos como era pronunciado há cerca de oito séculos”. O francês antigo era falado no território da Gália Transalpina e compreendia três sistemas dialetais: o dos dialetos franceses (norte), o dos dialetos provençais (sul) e o dos dialetos franco-provençais, entre ambos, mais a sudeste. Para os dois primeiros, tem-se utilizado às vezes as denominações “*langue d'oïl*” e “*langue d'oc*” (ou “occitano”), que identificam os dois sistemas a partir da palavra que exprime a afirmação nos próprios dialetos: *oïl* (> *oui*) e *oc* (ILARI, 2008, p. 178).

Dados da literatura sugerem, para aquele francês antigo, uma ampla distribuição da variante prefixada com *en-* (além de *e-*<sup>1</sup> e *in-*). No *Glossaire de langue d'oïl*, Alphonse Bos (1891) reconhece, para os sécs XI a XIV, “*enformëor*” e “*enformer*” como “informador, instrutor”, “*enformement*” como “formação, ensinamento, informação, instrução”. Raynouard (1844, p. 364) cita *enformacios* para a *languedoc* do séc. XII-I. Os trovadores da Provença usam as duas formas divergentes, por vezes num mesmo texto: nas *Lays d'amors*, temos: “*Nos puscam* informar / *Per*

---

<sup>1</sup> No português arcaico, usavam-se derivados prefixados com *en-*/*ẽ-*/*e-*. Segundo Viaro (2011:205), é bastante comum a nasalização das palavras iniciadas por *e-* ou *i-* átono em sílaba aberta. Durante toda a história do português, esse grupo sofreu analogia de outros vocábulos, em *en-* ou *in-*, mais frequentes. Esse fenômeno, aparentemente, é panacrônico, o que dificulta a sua datação. Conforme Williams (1975, p. 87), *-nf-* mediais do lat *class* > lat *vulg* e port *arc.* *-f-*: *confort re* > *cofortar* (arcaico); *infantem* > *ifante* (arcaico); *infernum* > *iferno* (arcaico). O *-n-* foi restaurado por regressão em data precoce, talvez por influência dos prefixos comuns *in-* e *con-*.

*aquestas vos podetz enformar de totas las outras dictios*” (sentido de “educar-se”, conforme Raynouard, 1844).

A característica mais geral do francês, em contraste com toda a România, resulta de seu caráter fortemente inovador e da rapidez (medida em séculos) com que se consumaram ali fenômenos fonéticos que, em outras áreas, ainda estavam em processo (ILARI, 2008, p. 179). Um poeta do norte da França trecentrista usou formas com metátese, tanto *enfremée* quanto *fremée* “enformado” (BORDIER, 1869, p. 273). O flamengo *Boudewijn van Seborch*, na segunda metade do séc. XIV, repete-o (BAUDOIN DE SEBOURG, 1841). Ambos seguem uma conhecida característica fonética do francês: grande número de grande número de nasais, um “r uvular sonoro”, (como *rendre*, exemplo dado por Salles 1993, ou *enfremée*). O termo pode ser encontrado ainda na Normandia, e parece ter alcançado amplo espectro semântico, seja por meio de analogias, *firmer* “firmar” < fr ant *formoir* (WEBSTER'S, 2005, p. 430), seja por herança grega: lat *forma* > lat *formonus* > port arc *aformosentar*, *afermosentar*, *afremosentar* “formosear” ou “aformosear” (XAVIER et al., 2002).

A infiltração das maneiras e costumes franceses e a introdução de moedas e de produtos comerciais franceses em Portugal começaram nos séculos X e XI. Foi Afonso Henriques, filho do conde Henrique de Borgonha, que, disputando o título de rei a Afonso VII de Castela e Leão em 1143, e conquistando Lisboa aos mouros em 1147, estabeleceu a Casa de Borgonha, a primeira dinastia de monarcas portugueses, e lançou os fundamentos de uma nova nação no baixo vale do Tejo. A partir daí, os franceses vinham como peregrinos ao santuário de Santiago, na Galícia, como soldados da fortuna, para ajudar na luta aos mouros, ou como monges, da abadia beneditina de Cluny.

Naquela época, o lat. vulg. [o], em posição travada, como *forma*, tinha um significado concreto (p. ex., de Lausberg, “*forma* do sapateiro”) que se desenvolveu nas Gálias: em fr ant, /o/ torna-se /u/, que em alguns casos (em dialetos reto-romanos) se tornou livre devido à mudança /u/ > /ü/, então fr ant *furme* ou *fourme*<sup>1</sup>; sardo *ff[ ]rma*, port *ff[o]rma*, esp. *horma*, cat., prov., it. *ff[o]rma*, obv. *fuorma*.

Segundo Viaro (2011, p. 190), o vocabulário latino serviu, na Idade Média, “para a divulgação de ideias bastante abstratas, promovidas

<sup>1</sup> Segundo Lausberg (*op. cit.*, p. 123), essa grafia mais cômoda -ou- impõe-se a partir do século XIII.

pela Filosofia e pela Religião, num crescente processo que vem do período clássico, no entanto, os significados básicos das palavras, presentes em suas raízes, estão muitas vezes voltados ainda à vida rural”. De fato, em alguns dialetos do norte, usava-se *fôurmo* por *forma* (BOISSIER DE SAUVAGES, 1756; COUZINIÉ, 1850), e segundo Corominas e Pascual (1980), *fourmo* era um “casulo” (de borboleta) ou o “vaso”, onde o queijo toma forma. Vários autores, com efeito, estabelecem a relação entre o conceito de *forma* ao molde onde o queijo duro era enformado. Brachet (1870:250) explica que *fromage* era anteriormente *formage* < lat *formaticum*, estritamente, “feito em uma fôrma”, mas que, no baixo latim da era merovíngia, já era sinônimo de era “queijo”. Nas *Glosas de Reichenau* (séc. VIII), “*caseum = formaticum*”; Papias cita *formaticum* como uma expressão popular: «*Caseus formaticum vulgo*», e trecho século IX, também em Du Cange, confirma-o: «*Ova manducant et formaticum, id est, caseum*». Daí *furmaige* ou *fromache*, prov *formatge* ou *fromatge*, port *formage* (sic), cat *formatje* e ital *formaggio* (MONLAU, 1856; BURGUY, 1869-1870; NIERMEYER e VAN DE KIEFt, 1954; ALINEL, 2010).

Du Cange *et al.* (1844 [1678]) cita um texto em latim bastante tardio (837 d.C.) que atesta a proximidade cognitiva entre *informação* e *queijo*: «*inde fit diminutivum Formula, unde etiam Formella, quæ etiam informationes casei significat, unde et Formaticum dicitur*». O *Nouveau Dictionnaire de Sobrino, françois, espagnol et latín...*, de Francisco Sobrino (1775) registra assim o fran *enformer*: “v.a. ahormar, poner en la horma, lat *ad formam aptare*”. Esta última expressão aparece também no *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina é italiana: Correspondencias*, de Esteban Terreros y Pando (1793), onde as expressões do latim *Formae indere* e *ad formam aptare* são “enhormar, ajustar una cosa, zapato, &c. á la horma”.

### 3. Uma hipótese etimológica para o *informar* moderno

São do final do século XV as primeiras ocorrências das formas derivadas de *informar* ([4] e [5]) no português, ambas dos *Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce* (1497), de autoria ainda não esclarecida. Trata-se de um dos raros testemunhos da tradução de textos bíblicos escritos em latim para nossa língua, o que, talvez, explique a notável inovação em relação ao português dos séculos anteriores. Publicada em vá-

rias cidades da Europa, a obra fora traduzida do latim para o castelhano Gonzalo García de Santa Maria (entre 1479 e 1484), e daí para o português, por seu próprio impressor, Rodrigo Álvares, na cidade do Porto. A tradução era necessária devido à dificuldade crescente que havia na compreensão do latim, sobretudo por parte do clero, o principal público-alvo da obra (MACHADO, 2008, p. 58).

[4] achegua ha sancta escriptura a qual emderença ao homem aaparelharse a esta vijnda & o informa dizendo. quantas cousas som escriptas.

[5] (...) aos filhos & nõ aa madre: porque sabia ella seer emuyda pellos filhos & informada da demanda que auia de fazer. podes vos beber o calez. &cetera.

De acordo com Williams (1975, p. 28), desde os primeiros tempos palavras latinas eruditas e semieruditas entraram no português, primeiro por intermédio da Igreja e da Lei, depois pela obra dos eruditos e dos homens de letras, e por fim pela ciência. A variação *-e- ~ -i-* átonos está documentada ao longo de toda a história da língua e se projeta no estado que os textos metalingüísticos de 1536-1540 refletem, antes de o movimento de relatinização alterar esse quadro, privilegiando as formas com *-i-* (PAIVA, 2009). Para Viaro (2011, p. 116), é possível falar que nos cultismos, muitas vezes, há ressurreição das palavras, por meio da escrita, fenômeno que, no caso do português, tomou grandes proporções já no século XV. Trata-se, para esse autor, “de um fenômeno puramente ideológico”.

Para explicar a (re)entrada de *informar* (< lat class *informare*), evocamos essa “restauração erudita” posterior, quando novos aspectos socioculturais e linguísticos colaboraram para marcar uma notável transformação na língua portuguesa e em várias línguas do ocidente: a entrada na Galáxia de Gutemberg; o desenvolvimento de uma língua literária; o desenvolvimento de uma (meta)linguagem sobre si mesmo (lexicografia, gramáticas) e o transbordamento dos limites da comunidade em que inicialmente era usada (CASTRO, *apud* MATTOS E SILVA, 2002).

A lexicologia atesta que a acepção filosófica de “dar forma” cai em desuso nas línguas ocidentais, sendo relegada, a partir do séc. XVIII, à rubrica “termo filosófico” – fato que Capurro (2008, p. 7ss) atribuiu ao

cambio paradigmático de la concepción medieval del mundo enraizada en la filosofía greco-romana y en especial en el aristotelismo a la concepción subjetiva moderna de información con las teorías científicas y las formas de vida que se derivan de ella.

A forma mais “arcaica”, *enformar*, especializou-se em seu sentido prototípico, sobrevivendo como “por na forma (ô)”, segundo o Houaiss, 2001, ou “meter nas formas” – outra expressão herdada dos franceses. A forma mais “moderna”, *informar*, responde hoje por todos os demais sentidos, os mais opacos. Do *token* [3] (“*que as enforme de chus pequenos beçeros*”) já se extrai um significado que, hoje, é *default* não mais do verbo *enformar*, mas de *informar*. Ele está de pleno acordo com a importância do gênero *notícia* nos primeiros séculos da língua portuguesa: “os documentos particulares escritos em português até 1255 se restringem na verdade a dois gêneros, o testamento e a *notícia*, ou talvez apenas um, a *notícia*” (MARTINS, 2007, p. 164).

A inovação semântica é imensa. O que há de comum, mesmo que metaforicamente, entre um molde e uma notícia? Arriscamo-nos a responder a essa pergunta nos seguintes termos.

Du Cange *et al.* (1844 [1678]) sinonimiza, para o baixo e médio latim, *informare* por *docere* “ensinar” e *monere*. Este último está na origem das palavras românicas *moeda*, *moneda*, *monnaie*, *moneta*, por outro lado, tem o seguinte étimo: do lat *admonere* “trazer à mente, lembrar, sugerir” mas também “avisar, aconselhar, encorajar”, de *ad-* “para” + *monere* “avisar, prevenir”. O *-d-* foi restaurado no latim vulgar, \**admonestare* > fr ant *amonester* (séc. XII) “encorajar, prevenir” (HARPER, 2001-2010). Segundo Ilari (2008, p. 129-130), o nexos entre moedas e avisos é uma circunstância peculiar: “se desconhecêssemos essa circunstância histórica, o caminho pelo qual um termo que significava “admoestar” passou a significar “moeda” seria no máximo objeto de estranhas conjecturas”.

Juno, a deusa romana mais adorada, era irmã e esposa de Júpiter, o maior dos deuses. Um dos seus muitos sobrenomes, *Juno Moneta*, tem por trás uma lenda protagonizada pelos gansos que “vigiavam” seu templo nas cercanias do Capitólio, na Roma do séc. IV a.C (CID LÓPEZ, 2007). Segundo Tito Lívio, o povo da cidade não deixava de alimentar os animais, considerados sagrados, apesar da carestia que sofria por conta do assédio dos gauleses. O sacrifício acabará recompensando-os, supostamente graças à mediação de Juno. Em 390 a.C., não fosse os gansos “avisarem” da iminente invasão inimiga, não teria sido possível a rápida intervenção dos soldados romanos, salvando a cidade e o templo do Capitólio.

Em 269 a.C., por ocasião das Guerra Pírricas, o templo foi transformado na Casa da Moeda romana. Ali foi cunhada uma moeda de prata com a imagem da deusa e seu codinome *moneta* “aquela que avisa” escrito. A partir daí, *moneta* passou a significar “moeda” para os romanos, mais tarde *money* para os ingleses.

Sabemos da existência de um verbo do latim jurídico, *efformare*, que era sinônimo de “cunhar”: ao comentar a palavra *flandae*, usada por Cícero em *Pro Publio Sestio: oratio ad iudices* (“*quae ratio aut flandae aut conflandae pecuniae non reperiebatur?*”), o *iurisconsultor* Hubert Holden assim explica *flandae* (“moldagem”, “cunhagem”): “*flare pecuniam = pecuniam flando efformare*”, que, segundo o catedrático, era o termo técnico para “moldar” metais (moedas) por sopra (CICERO & HOLDEN, 1889, p. 165). A expressão também é atestada pelo *Manuale latinitatis fontium iuris civilis Romanorum* de Dirksen (1837, p. 382). Du Cange (1844 [1678]) apresenta *efformare* como sinônimo de *exprimere*, que já significava tanto “apertar com força, comprimir, espremer, extrair” como também “exprimir, dizer, expor, declarar”.

Seria a história de *Juno moneta* a circunstância responsável pela analogia *enformar/cunhar/expremer* e *informar/admoestar/dizer* mensagens, conselhos e avisos? O fato é que a entrada *Formae* do *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina é italiana*, de Terreros y Pando (1793):

*forma, ae, f. forma, figura, hermosura, efijie, imagem, idea, regla, lei, horma, quesera, ó forma en que se hacen los quesos; moneda, cuño de Ella; modo, disposicion de um edificio, diseño de El; manera com que se hace alguna cosa; canal, caz, acueducto (grifos nossos).*

#### 4. Conclusão

Pelos testemunhos acima, podemos deduzir que “enformar”, provavelmente em toda a România rústica (a partir de França-norte da Itália) não significava exatamente “dar forma” (*informare*), que é próximo de “esculpir”, mas sim “adaptar, ajustar à fôrma” (*ad formam aptare*). “Fôrma” não era a “percepção” de um objeto, muito menos algo abstrato como “essência, atualidade da coisa”, pelo contrário: nas regiões que fabricavam ou consumiam queijo duro ou semiduro, era o nome do molde onde se colocava o leite coalhado. Se Alinei (2010, p. 101) estiver correto, quando diz que “a história de *coagulum* > *caseum* [> port *queijo*] e *\*formaticum* é uma história Franco-Italiana”, a metáfora da *fôrma* será

uma metáfora essencialmente ocidental, uma vez que os queijos gregos típicos eram – e ainda são – pastosos, portanto não havia função para um vocábulo como *fôrma*.

Em suma, port “enformar” parece ter um étimo outro que o de port “informar”, e é possível que os étimos de *forma* e seus derivados seja mais antiga que Cristo pelo menos trezentos anos, podendo chegar a três mil. Pelos dados que temos até o momento, nossa hipótese é, nos extremos etimológicos: port técnico *enformar* /ẽ-/ < fr medio *enformer* /ã-/ < latim técnico/vulgar *efformare* < lat vulgar *fôrmo* “fôrma de queijo”. Para port *informar*, propomos < fr med *informer* < latim escrito *informare*.

Essa etimologia testemunha “a grande diferença entre as duas variedades do latim”, conforme Ilari (2008, p. 61):

- [6] não é cronológica (o latim vulgar não sucede ao latim clássico), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades repetem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre a-crescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe.

Estaríamos (ou não?) diante de um fenômeno da *alotropia*, isto é, à “coexistência de formas divergentes, a partir da introdução de formas alatinadas na fala vulgar dos povos românicos, *tiradas ambas de um mesmo étimo latino*, mas por processos diferentes” (ILARI, 2008, p. 154, grifo nosso). Nessa trajetória, procuramos descrever uma ruptura linguística, entre outras, ocorrida no séc. XVI, e em diversas línguas ocidentais devedoras da língua que se falava na França – o que nos sugere um processo de gramaticalização ou lexicalização, talvez envolvendo uma mudança de prestígio – favoráveis tanto às grafias baseadas em *informar* quanto ao sentido geral de “fazer saber”.

Tal não significou, a nosso ver, o desprestígio de *enformar* “meter na fôrma”; talvez se possa alegar uma *conservação* secular, quem sabe milenar, se considerarmos que sempre se manteve vivo como metáfora mais primitiva: enformar queijo, moedas, sapatos e chapéus, metal, chocolate, bolos, em suma, toda matéria que possa ser objetivamente submetida a uma fôrma. Ao que parece, os ocidentais não podem prescindir de um lexema como esse. Qual brasileiro logo não se lembrará do “pão de fôrma”?

## 5. Agradecimentos

Aos mestres Bernard Colombat, Evanir Motta e Miguel Barbosa do Rosário, pelas considerações que fizeram ao texto e às idéias nele expostas, além de minha orientadora, prof. Maria Cecilia Mollica, pelo incentivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALINEI, M. *Archeologia etimologica: alle origini del formaggio*. Da lat. coagulum ‘caglio’ a lat. caseus/-m ‘formaggio’; \*formaticum e \*toma. Quaderni di Semantica, v.XXXI, n.1, p.73-112. 2010.

BARBOSA, A. *Dictionarium Lusitanico Latinum: juxta seriem alphabeticam optimis, probatisq. doctissimorum auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletatum: cum... Latini sermonis indice, necnon libello uno aliquarum regionum, civitatum, oppidorum, fluviorum, montium, & locorum, quibus veteres uti solebant / omnia in studiosae inventutis gratiam, & usum collecta per Augustinum Barbosam Lusitanum... -*. Bracharae. 1611

BAUDOIN De Sebourg. *Li romans de Bauduin de Sebourg: IIIe roy de Jhérusale*. Valenciennes: De li mprimerie de B. Henry, v.2. 1841 (Edição 83 de Romans des croisades)

BOISSIER DE SAUVAGES. *Dictionnaire languedocien-françois, ou, Choix des mots languedociens les plus difficiles a rendre en françois: contenant un recueil des principales fautes que commettent dans la diction, & dans la prononciation françoise, les habitans des provinces méridionales du royaume, connus à Paris sous le nom de Gascons : avec un petit traité de prononciation & de prosodie languedocienne: ouvrage enrichi dans quelques-uns de ses articles de notes historiques et grammaticales, et d'obvservations de physique et d'histoire naturelle*. Nimes: M. Gaude. 1756. 492 p.

BORDIER, H.-L. *Philippe de Remi sire de Beaumanoir: jurisconsulte et poëte national du Beauvaisis 1246-1296*. Paris: Techener. 1869. 422 p.

BOS, A. *Glossaire de langue d'oïl (XI.-XIV. siècles): contenant les mots vieux-français hors d'usage, leur explication, leur étymologie et leur concordance avec le provençal et l'italien; ouvrage à l'usage des classes d'humanités et des étudiants*. Paris: J. Maisonneuve. 1891. 466 p.

BRACHET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue française*: Hetzel. 1870. 560 p. (Bibliothèque d'éducation: cours complet d'histoire de la langue française)

BURGUY, G.-F. *Grammaire de la langue d'oïl ou grammaire des dialectes français aux XIIIe et XIIIe siècles: suivie d'un glossaire étimologique* Berlin/Paris: Reinwald/Franck, v.3. 1869-1870. 395 p.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. In: J. M. D. Nafría e F. S. Alemany (Ed.). *¿Qué es información? Actas del primer encuentro internacional de expertos en Teorías de la Información - un enfoque interdisciplinar*. León (Spain): Universidad de León, 2008. p.1-26

CAPURRO, R. e B. Hjørland. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciências da Informação*, v.12, n.1, p.148-207. 2007 [2003].

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitano in latinum sermonem*. Ulissypone: ex officina Ioannis Aluari: 106 p. 1562.

CICERO, M. T. e H. A. HOLDEN. M. Tulli Ciceronis *Pro Publio Sestio: oratio ad iudices*. London: Macmillan and Co. . 1889. 316 p.

CID López, R. M. *Imágenes y prácticas religiosas de la sumisión femenina en la antigua Roma*. El culto De “juno Lucina” y la fiesta de “matronalia”. *Stvdia Historica, Historia Antigua*, v.25, p.357-372. 2007.

COROMINAS, J. e J. A. PASCUAL. *Diccionario crítico epistemológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, v.II. 1980

COUZINIÉ, J. P. *Dictionnaire de la langue Romano-Castraise et des contrées limitrophes*: (Dictionnaire Patois-Français). Castres: Cantié et Rey. 1850. 563 p.

CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*, versão 1.0. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa 2007.

CUNHA, C. e L. CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon. 2010. 762 p.

DIRKSEN, H. E. *Manuale latinitatis fontium iuris civilis romanorum: thesauri latinitatis epitome*. London/Paris: Dunckeri et Humblotii. 1837. 1029 p.

DROBNER, H. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes. 2008. 653 p.

DU CANGE, C. D. F., G. A. L. Henschel, P. Carpentier e L. Diefenbach. *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Parisiis: Firmin Didot fratres, v.3 e 4. 1844 [1678]

FORTUNATO, I. V. Gramaticalização e lexicalização das lexias complexas no português arcaico. In: J. S. Magalhães e L. C. Travaglia (Ed.). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008. p.1394-1403

GONÇALVES, S. C. L., M. C. LIMA-HERNANDES, V. C. CASSEB-GALVÃO e C. S. CARVALHO. Tratado geral sobre Gramaticalização. In: S. C. L. Gonçalves, M. C. Lima-Hernandes, et al (Ed.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, v.21, 2007. p.15-66

HARPER, D. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <http://www.etymonline.com>. 2001-2010.

HORA, D. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In: D. HORA (Ed.). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunicidade*. João Pessoa: UFPB, 2004. p.13-28

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa*, versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Editora Objetiva 2001.

ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática. 2008. 285 p. (Fundamentos)

KURATH, H. *Middle English Dictionary*. Michigan: University of Michigan Press, v.10. 1953. 128 p.

MACHADO, J. B. *Marcadores temporais nos Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance* (Porto, 1497). *Diacrítica*, v.22, n.1, p.57-71. 2008.

MARTINS, A. M. O primeiro século do português escrito. In: A. I. B. Agrelo (Ed.). *Na nosa lingoage galega*. A emergência do galego como língua escrita na Idade Media. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega, 2007. p.161-184

MATTOS E SILVA, R. V. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: R. p. 1917 *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CíFEFiL, 2011

V. MATTOS E SILVA e MACHADO FILHO (Ed.). *O Português Quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador; Feira de Santana: EDUFBA/UEFPS, 2002. p.27-42

MONLAU, P. F. *Diccionario etimológico de la lengua castellana*: (ensayo) precedido de unos rudimentos de etimologia. Madrid: Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra. 1856. 555 p.

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia* (trad. António José Massano e Manuel Palmeirim). Lisboa: Dom Quixote, v.2 (E - J). 2001. 1621 p.

MORESCHINI, C. *História da filosofia patrística* (Trad. Orlando Soares Moreira). São Paulo: Edições Loyola. 2008. 779 p.

NIERMEYER, J. F. e C. van de Kieft. *Mediae Latinitatis lexicon minus: a medieval Latin-French/English dictionary*. Leiden: Brill Archive, v.12-13. 1954. 1138 p.

PAIVA, M. H. Variação e mudança no vocalismo átono quinhentista: práticas escriturais e juízos normativos. *Linguística - Revista de Estudos Lingüísticos da Universidade do Porto*, v.4, p.85-110. 2009.

PEREIRA, J. B. *Thesouro da lingua portuguesa*, vol. 1: Oficina de Paulo Craesbeeck. 1697. 194 p.

Raynouard, M. *Lexique roman: ou, Dictionnaire de la langue des troubadours, comparée avec les autres langues de l'Europe latine - Lexique A-Z. Apendice. Vocabulaire*. Paris: Silvestre. 1844. 611 p.

ROBOREDO, A. *Raízes da lingua latina mostradas em hum tratado, e diccionario: isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck. 1621. 443 p.

SALGADO, X. A. F. Sobre o réxime do verbo informar em galego. *Estudos de Lingüística Galega*, v.1, p.209-223. 2009.

SALLES, R. C. *O legado de Babel: as línguas e seus falantes - dicionário descritivo das línguas Indo-Européias*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1993. 359 p.

SCHREUDER, H. *Pejorative sense development in English* (reimpresão): Ayer Publishing. 1970 [1929]. 196 p.

SMEDLEY, E., H. J. ROSE. *Encyclopaedia metropolitana: or Universal dictionary of knowledge ... comprising the twofoldadvantage of a phi-*

logical and an alphabetical arrangement, with appropriate engravings. London: B. Fellowes, v.18. 1845. 816 p.

SOBRINO, F. *Nouveau Dictionnaire de Sobrino, françois, espagnol et latin...* enrichi d'un Dictionnaire abrégé de Géographie... Aux dépens des Freres de Tournes. 1775. 613 p.

SOUSA DA SILVEIRA, A. F. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. 1972 [1964]. 312 p.

TERREROS Y PANDO, E. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina é italiana: correspondencias*. Madrid: Imprenta de la Viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, v.4. 1793. 988 p.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa* (trad. Celso Cunha). São Paulo: Martins Fontes. 2007. 148 p.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: J. H. Nunes e M. Petter (Ed.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p.15-64

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto. 2011. 331 p.

WEBSTER'S. *Webster's New World Dictionary*, Editors of Webster's II Dictionaries. USA: Houghton Mifflin Harcourt. 2005. 1518 p.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português* (trad. Antonio Houaiss). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975. 325 p.

XAVIER, M. F., G. VICENTE, M. L. CRISPIM, M. C. SILVA, F. MARTINS, J. LOUREIRO e S. DIAS<sup>7</sup>. *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM). Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Lisboa 2002.